

O potencial educomunicativo do Teatro do Oprimido: a experiência do projeto de extensão “Reflexão Crítica em Cena”

Lidiane Maria da Silva Trajano

Introdução

Este trabalho nasce a partir de reflexões baseadas em uma experiência prática e um posterior aprendizado teórico que juntos nos revelaram o potencial do Teatro do Oprimido (T.O) enquanto prática e processo educomunicativo.

O relato empírico se baseia na vivência do projeto de extensão “Reflexão Crítica em Cena: formação do grupo de Teatro do Oprimido do IFPB *Campus Cajazeiras*”, criado em 2016, com o objetivo de desenvolver junto aos alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), no Campus localizado no município de Cajazeiras, na região do sertão paraibano, a metodologia do T.O, com vistas à formação de um grupo teatral cujas criações e apresentações, baseadas na crítica e reflexão social, fossem compartilhadas, de maneira dialógica, junto à comunidade.

A partir dessa experiência e de outros projetos desenvolvidos no IFPB, percebemos que a nossa atuação ia ao encontro do que propõe a Educomunicação: uma educação focada no humano, baseada diálogo com o outro, na formação não apenas do profissional, mas do cidadão. No primeiro semestre de 2018 tivemos a oportunidade de aprofundar nossos conhecimentos ao longo da disciplina “Educomunicação: Fundamentos, Metodologias e Áreas de Intervenção”, cursada como aluno especial na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Então compreendemos que tínhamos plantado, em solo sertanejo, uma semente para as práticas educocomunicativas.

Dessa forma, ao relatar o que foi experienciado no projeto, sob a fundamentação da Educomunicação, temos o objetivo de refletir sobre o potencial educocomunicativo do Teatro do Oprimido e como esse método teatral pode contribuir para o universo das práticas educocomunicativas a partir da Área de Intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte.

Teatro do Oprimido e Educomunicação: uma metodologia e um paradigma sedimentados na dialogicidade que liberta e transforma

As práticas que originaram o Teatro do Oprimido e a Educomunicação remontam ao mesmo contexto histórico-político e social, marcado pela opressão e o cerceamento de direitos, como a liberdade de expressão, impostos por governos ditatoriais latino-americanos entre as décadas de 1960 e 1970. Tais práticas surgem como ações de resistência e mobilização para promover o diálogo e a expressão nos tempos silenciadores das ditaduras.

No caso da Educomunicação, seus pilares (dialogicidade, criticidade, busca pela autonomia e expressão) estão assentados na educação popular, de Paulo Freire, e na comunicação popular, que tem como um de seus principais autores o argentino Mario Kaplún. Em seu livro *Una Pedagogía de la Comunicación* (1985), ele utiliza pela primeira vez o termo “edu-comunicador”, que deu origem à palavra Educomunicação. De acordo com Silva (2017), “edu-comunicador” foi uma evolução da expressão “comunicador educativo” criada por Kaplún na década de 1960, quando utilizava esta designação para referir-se ao educador popular envolvido com a formação para a leitura crítica dos meios de comunicação.

Nos anos 80 a UNESCO passou a utilizar o neologismo *Educommunication* para se referir a *Media Education* – campo voltado a estudar “os efeitos dos meios de comunicação na formação das crianças e dos jovens” (SOARES, 2011, p.11). A leitura crítica da mídia e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nas escolas monopolizaram durante certo tempo as atenções e estudos a cerca da relação Comunicação/Educação. Isso mudaria especialmente partir de uma pesquisa iniciada em 1997 no Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP), coordenada pelo professor Ismar de Oliveira Soares. O estudo realizou um diagnóstico sobre o perfil dos profissionais e pesquisadores que articularam sua atuação na inter-relação dessas duas áreas. A pesquisa contou com entrevistas e questionários feitos com 176 coordenadores de projetos de doze países do continente americano, especialistas de vários âmbitos da relação comunicação-educação, que, de acordo com Soares (2013), detalharam as experiências de gestores de projetos na área. Com as informações obtidas por meio do diagnóstico, foi criado o perfil do Educomunicador “[...] o novo profissional que atua ao mesmo tempo no campo da educação e da comunicação, movido pela formação de cidadãos críticos, participativos e inseridos em seu meio social” (SOARES, 2002, p.25).

Através desta definição, os pesquisadores do NCE perceberam que na Educomunicação, ao analisar as diversas perspectivas da relação Comunicação/Educação “[...] a questão central passou a ser a pergunta sobre como poderiam os sujeitos sociais criar ecossistemas comunicativos que correspondessem às suas aspirações por uma nova sociedade” (SOARES, 2013, p.185).

O conceito de Ecossistema Comunicativo, de Jesus Martín-Barbero, se refere à relação das pessoas com as tecnologias, às trocas de conhecimento que ocorrem dentro e fora da escola. Segundo ele é preciso

[...] pensar no ecossistema comunicativo que constitui o entorno educacional difuso e descentrado em que estamos imersos. Um entorno difuso, pois está composto de uma mescla de linguagens e saberes que circulam por diversos dispositivos mediáticos, mas densa e intrinsecamente interconectados; e descentrados pela relação com os dois centros: escola e

livro que há vários séculos organizam o sistema educacional. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.67).

Ao invés de empregar o conceito de Martín-Barbero para designar o ambiente conectado pela presença das novas tecnologias, Soares o amplia e ressignifica utilizando-o como “[...] figura de linguagem para nomear um ideal de relações construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social” (SOARES, 2011, p.44). Dessa forma, ele define a Educomunicação:

O conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas. (SOARES, 2003, p.22).

Além do perfil do Educomunicador, a pesquisa realizada pelo NCE também apresentou caminhos para planejar, praticar e refletir sob os fundamentos da Educomunicação, denominados áreas de intervenção. De acordo com Soares (2014) as áreas de intervenção da Educomunicação são:

- 1ª. Área da Gestão da Comunicação nos Espaços Educativos (compreendendo a articulação do trabalho dos agentes no planejamento, execução e avaliação das ações das diferentes áreas);
- 2ª. Área da Educação para a Comunicação (reunindo as práticas voltadas à sensibilização e formação das audiências para a convivência com os meios de comunicação – media education, educación en médios – educação midiática);
- 3ª. Área da Mediação Tecnológica nas Práticas Educativas (com práticas relacionadas ao entendimento da natureza civilizatória da sociedade da informação e do emprego de suas tecnologias a partir da lógica educocomunicativa);
- 4ª. Área da Expressão Comunicativa pelas Artes (práticas que valorizam a autonomia comunicativa das crianças e jovens mediante a expressão artística – arte-educação);

- 5ª. Área da Produção Midiática (ações, programas e produtos da mídia elaborados a partir do parâmetro educ comunicativo);
- 6ª. Área da Pedagogia da Comunicação (ações e programas de educação formal ou não formal a partir do parâmetro educ comunicativo);
- 7ª. Área da Reflexão Epistemológica sobre o novo campo (sistematizações e pesquisas acadêmicas sobre os objetos da Educomunicação). (SOARES, 2014, p.138).

Pela diversidade das áreas de intervenção, ou seja, pela multiplicidade de portas ou caminhos pelos quais é possível ingressar no universo das práticas educ comunicativas, podemos perceber que a Educomunicação enxerga a relação Comunicação/Educação para além do fenômeno midiático. Seu foco está nas pessoas, no processo dialógico que promove a construção de conhecimento e cidadania e cria a mudança social.

Essa busca pela autonomia, pelo diálogo com o outro e pela transformação social que são alicerces da Educomunicação, também são princípios do Teatro do Oprimido.

Teatro do Oprimido

O Teatro do Oprimido (T.O.) é um método teatral que reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais elaboradas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal¹. Os seus principais objetivos são a democratização dos meios de produção teatral, o acesso das camadas sociais menos favorecidas e a transformação da realidade através do diálogo (tal como Paulo Freire pensou a educação) e do teatro.

Ao ser entrevistado para o documentário Augusto Boal e o Teatro do Oprimido², Boal descreve como se deu o surgimento do T.O:

1 Augusto Pinto Boal (Rio de Janeiro 1931 – 2009) Criou o Teatro do Oprimido nos anos 1970. Pelo trabalho desenvolvido pelo mundo com o T.O, foi indicado ao *Prêmio Nobel da Paz* em 2008 e nomeado Embaixador Mundial do Teatro pela UNESCO em 27 de março de 2009. Mais sobre a Biografia pode ser acessado em <<http://ctorio.org.br/novosite/quem-somos/augusto-boal/>>.

2 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IL3-Wc305Gg>>.

Com a ditadura, especialmente depois de 68, a gente começou a ser despossuído de tudo o que a gente tinha, a gente foi perdendo o teatro, a gente foi perdendo as peças, por que a gente queria fazer uma peça e era tudo proibido. (...) Quando nós fomos despossuídos de tudo o que nos caracterizava como artistas, nós ficamos cara a cara com o espectador. Então nós dissemos: nós somos artistas e eles não são, mas nós somos muito semelhantes. Então qual é a diferença? A diferença é que nós fizemos da vocação uma profissão e eles não, mas eles tem a vocação, porque a vocação é humana. (...) Então nós pensamos o seguinte: vamos fazer uma peça que ensine a fazer peças e chamamos aquilo de Teatro Jornal, e consistia em pegar o jornal do dia em cena teatral. A gente procurava públicos específicos, como sindicatos, associações de bairro, igrejas, grupos de estudantes. Então isso já foi o começo do teatro do oprimido, quer dizer, ao invés de nós artistas fazermos, nós mostrávamos aos espectadores como fazer e eles se tornavam os artistas, então essa foi a primeira transformação. (BOAL, 2010).

Percebe-se nessa fala que a violência imposta pela ditadura foi o ponto de partida para que Boal reinventasse a forma como fazia teatro. Nesse período ditatorial que reprimia a voz do povo e de seus representantes, nos diferentes âmbitos sociais, o teatrólogo foi exilado e aliou-se a educadores e intelectuais da América Latina, dispostos a desenvolver uma tomada de consciência dos oprimidos, a começar pelo projeto de alfabetização, ALFIN – Programa de Alfabetização Integral, desenvolvido no Peru, na década de setenta, cuja concepção metodológica era inspirada na Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire. O projeto tinha como meta erradicar o analfabetismo, em aproximadamente quatro anos, utilizando diferentes tipos de linguagem, especialmente linguagens artísticas como a fotografia e o teatro.

Foi nessa experiência que Boal concebeu o teatro-imagem, desenvolvido a partir do trabalho com indígenas, e o teatro-fórum, onde eram expostas situações de opressão experimentadas e partilhadas por um determinado grupo, para que fossem discutidas - em fórum e pela plateia - e fossem ensaiadas soluções coletivamente.

Assim, desde que foi criado, o Teatro do Oprimido vem sendo usado em diversos países do mundo com o objetivo de democratizar os meios teatrais, denunciar a desigualdade social e, conseqüentemente, as situações de opressão presentes na sociedade capitalista. De acordo com Boal, o T.O se configura em um instrumento poderoso:

Todo teatro é necessariamente político [...]. Os que pretendem separar o teatro da política pretendem conduzir-nos ao erro - e esta é uma atitude política.[...] o teatro é uma arma. Uma arma muito eficiente. Por isso, é necessário lutar por ele. Por isso, as classes dominantes permanentemente tentam apropriar-se do teatro e utilizá-lo como instrumento de dominação. [...] Mas o teatro pode igualmente ser uma arma de liberação. Para isso é necessário criar as formas teatrais correspondentes. É necessário transformar. (BOAL, 1991, p.13).

No Teatro do Oprimido os cidadãos agem na ficção do teatro, ao mesmo tempo em que se tornam protagonistas de suas próprias vidas. O que é visto em cena e representado são situações de opressão, normalmente naturalizadas pelas reproduções da cultura burguesa no cotidiano. Por isso, os sujeitos se reconhecem no que é apresentado, sendo provocada uma reflexão acerca de si e da cultura social. Nesse sentido, entende-se o Teatro do Oprimido como práxis educativa, que através da encenação, provoca a reflexão, com fins à mudança de atitudes em prol da mudança social e da apropriação do conhecimento.

De acordo com Cruz (2016) o T.O se assenta em três grandes princípios: a reapropriação dos meios de produção teatral pelos oprimidos, a quebra da quarta parede que separa o público dos atores e a insuficiência do teatro para a transformação social, isto é, a necessidade de ele se integrar num trabalho social e político mais amplo.

Essa quebra da quarta parede consiste em destruir a barreira entre palco e plateia e implementar o diálogo – a comunicação direta e ativa entre os espectadores e os atores. A poética do Oprimido é, segundo o seu criador, “[...] essencialmente uma poética da Liberação: O espectador já não delega poderes aos personagens, nem para que pensem, nem para que atuem no seu lugar. O Espectador se libera: pensa e age por si mesmo!” (BOAL, 1991, p.181).

A capacidade de ação contra hegemônica e de transformação proporcionada pelo T.O foram a inspiração do projeto de extensão “Reflexão Crítica em Cena”, objeto deste relato, o qual desenvolveu junto aos alunos do IFPB *Campus* Cajazeiras a metodologia do Teatro do Oprimido, que resultou na formação de um grupo teatral cujas criações e apresentações, baseadas na crítica e reflexão social, foram partilhadas com a comunidade interna e externa. Na execução do projeto, nos anos de 2016 e 2017, optou-se por trabalhar com a técnica de Teatro Fórum, uma vez que primordialmente propõe a discussão aberta e direta, enriquecendo a todos os envolvidos, dialogando através de diversas perspectivas ideológicas. Apresentaremos o processo (que tomamos como educocomunicativo) e os resultados a seguir.

O projeto de extensão “Reflexão Crítica em Cena”

A ideia do projeto surgiu em 2015 quando, por ocasião da programação para recepção dos estudantes ingressos no *campus*, as servidoras Lidiane Maria, assessora de comunicação, Sarah Cortês, assistente social, e a psicóloga Iria Wiese, elaboram a proposta de promover uma discussão política/humanística no âmbito escolar, e, para isso, convidaram o Grupo de Teatro do Oprimido do *Campus* Cabedelo, também pertencente ao IFPB. Na ocasião discutiu-se sexualidade, com o público adolescente, por meio do esquete “A primeira vez de Ana”; e sobre reforma política, com público de jovens e adultos, com a peça “João, candidato do povão”.

Além das apresentações, houve uma oficina de iniciação ao Teatro do Oprimido. Essas vivências despertaram nos alunos o desejo de desenvolver em âmbito local um grupo de T.O e as servidoras vislumbraram nesse método teatral a possibilidade de se fazer a discussão crítica da realidade social com a comunidade discente, de maneira dinâmica, que despertasse interesse e curiosidade.

A partir de então, foi criado em 2016, em articulação com a Pró-reitoria de Extensão do IFPB e o NUCCA – Núcleo de Extensão em Comunicação, Cultura e Artes, o projeto “Reflexão Crítica em Cena: formação do grupo de Teatro do Oprimido do IFPB *Campus* Cajazeiras”. É importante destacar que a proposta consistiu em discutir questões sociais, a partir de um viés humanista, iniciando-se em um centro de tecnologia (IFPB), localizado no alto sertão paraibano,

com um grupo de alunos que majoritariamente sequer conhecia a estrutura de teatro formal, coordenado não por professores, mas por servidoras técnico-administrativas, sem formação específica em artes, porém conscientes do seu papel de educadoras e imbuídas de um ideal freireano segundo o qual

[...] educar-se na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 1983, p.25).

Metodologia

O processo de execução do projeto se construiu em três etapas: planejamento; oficinas e encontros de formação e discussão; criação, montagem e apresentação de peças teatrais. Na etapa do planejamento foram realizadas reuniões de equipe, definição de cronograma e o processo de logística para desenvolvimento efetivo do projeto. Concomitantemente, aconteceram os momentos de divulgação – por meio das mídias sociais, do site institucional, chamamento em sala de aula e cartazes nos murais – e inscrição dos alunos do campus Cajazeiras que tinham interesse em participar do grupo de Teatro do Oprimido.

A turma foi formada por 15 alunos. Havia discentes de cursos técnicos integrados (ensino médio) e de cursos superiores (Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Automação Industrial, Bacharelado em Engenharia Civil e Licenciatura em Matemática), dos turnos diurno e noturno. Definir um horário comum para os encontros era um constante desafio. Em seguida, iniciou-se a segunda etapa que se subdividiu entre as oficinas de formação e os encontros de discussão.

As oficinas de formação trabalharam: o que é teatro do oprimido? (conceito, desenvolvimento histórico e princípios); formação de atores; expressão corporal, facial e vocal; técnicas e métodos para teatro do oprimido, ministradas pelas coordenadoras e parceiros convidados. O objetivo foi instrumentalizar minimamente o grupo de alunos com teorias e técnicas do mundo do teatro.

Os encontros de discussão, por sua vez, abordaram a reflexão crítica com aproximação de temas sociais por meio de debates embasados em reportagens e palestras nas áreas de gênero e sexualidade; política; violência e preconceito. A terceira etapa consistiu na criação, montagem e apresentação do material teatral produzido pelo grupo do projeto.

Nesse momento, o grupo montou o esquete “Seca, educação e corrupção: tem ligação?”. A peça abordava a problemática da seca, agravada pela corrupção e o desvio de recursos públicos e buscava refletir sobre o papel da educação e instituições de ensino no enfrentamento a essas questões. A construção do material foi protagonizada pelos alunos em todas as etapas: criação de roteiro, distribuição de personagens, produção e direção. Tudo era construído coletivamente. Um trazia uma ideia de personagem, o outro o caracterizava, todos contribuíram com o script, num processo dialógico, participativo, educocomunicativo.

Depois de montado, o esquete estreou no próprio IFPB e foram realizadas três apresentações externas na cidade: nas escolas estaduais Cristiano Cartaxo e Dom Moisés Coelho, e na I Semana Nacional de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) *Campus* Cajazeiras. Esta última apresentação não estava prevista. O grupo foi convidado pelo professor Naldinho Braga, coordenador do Núcleo de Extensão Cultural (NEC) da UFCG, depois da repercussão positiva das primeiras apresentações.



Foto 1 – Apresentação na E.E. Dom Moisés Coelho. Fonte: arquivo próprio, 2016.

Em 2017 o projeto foi novamente aprovado em edital institucional. Construiu-se uma peça com centralidade no tema “Direitos Humanos”, baseada no poema Intertexto, de Bertolt Brecht, intitulada “E você, se importa?”, a qual estreou na recepção aos novos alunos dos cursos técnicos integrados. Nessa edição o grupo se propôs a levar também oficinas para os espaços de apresentação.

Entre o final de 2017 e o início de 2018 as três coordenadoras foram transferidas do *campus* e precisaram se afastar do projeto. Mas a semente já estava germinada e grupo de Teatro do Oprimido do *Campus* Cajazeiras continua existindo, levando reflexão e diálogo por onde se apresenta.

Resultados: o Teatro do Oprimido enquanto processo educucomunicativo

As apresentações do Grupo de Teatro do Oprimido do *Campus* Cajazeiras levaram à comunidade interna e externa do IFPB a arte do teatro, não só como forma de entretenimento, mas como instrumento de informação, participação e criticidade à realidade social. Mas o aprendizado do projeto não deu apenas por meio do produto final e sim no processo. Processo este que, como dito anteriormente, entendemos como educucomunicativo.

Tomando os termos comunicação e educação a partir da sua etimologia, na qual comunicar vem da raiz latina *comunicare*, que significa “por em comum, compartilhar algo” e educar vem de *e-ducere* que significa “tirar de dentro”, percebemos que a educação deve ser um processo que, além de tirar o melhor de cada indivíduo deve ser baseado no coletivo, em uma participação ativa dos sujeitos, na qual o diálogo seja o elemento potencializador do ato em si, entendendo-o na perspectiva proposta por Freire (1983, p.43), na qual “o diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos”.

E o diálogo foi a base do projeto Reflexão Crítica em Cena em todas as suas etapas. Apesar de se dar em um ambiente de educação formal (o IFPB), as atividades aconteciam fora da sala de aula, e como antes dito, não eram coordenadas por “*experts*” na arte do teatro, mas por educucomunicadoras que se colocaram no papel de aprendizes dispostas a conhecer e partilhar. Por isso, não havia hierarquias no grupo: todos eram iguais, tanto do ponto de vista coordena-

ção-aluno, quanto entre os estudantes em si, ainda eu o grupo fosse formado por discentes de diferentes níveis de ensino. O resultado foi a criação de um ecossistema comunicativo aberto, criativo, igualitário e colaborativo, dentro do espaço educativo do *Campus* Cajazeiras.

Quando fala da Educomunicação enquanto eixo transversal ao currículo do ensino médio, Soares (2011, p.45) afirma que as práticas educ comunicativas trazem “[...] a perspectiva da educação para a vida, do sabor da convivência, da construção da democracia, da valorização dos sujeitos, da criatividade”. Foi exatamente esse o sentimento que tivemos ao trabalhar com o grupo de Teatro do Oprimido. O que também foi expresso pelos participantes.

Ao término do primeiro ano do projeto, em avaliação conjunta com os membros do grupo para elaboração do relatório final, os alunos descreveram o quanto puderam melhorar sua expressão e demonstraram o seu contentamento por terem sido protagonistas ao longo do processo, por terem podido refletir a cerca de questões pertinentes ao que acontece ao seu redor e ao mesmo tempo serem agentes multiplicadores dessa reflexão. Segue depoimento:

O T.O foi muito importante para mim, nas aulas e oficinas eu fiz vários exercícios para melhorar minha expressão corporal, facial... Aprendi a articular e projetar minha voz; aprendi a conhecer e trabalhar com emoções... Desenvolvi autoconfiança, perdi a inibição, e o medo de me expressar. Todo o processo foi satisfatório, as oficinas agregaram conhecimento, e, ser capaz de participar do processo de criação dos personagens e do texto foi extremamente divertido e inspirador. Sendo o objetivo, a reflexão crítica em cena, debatemos sobre as falas e o tema dos esquetes, juntos pudemos passar uma mensagem que tocou muitos, e nos fez perceber o quanto é importante se expressar e refletir sobre tudo que está acontecendo no Brasil atual. Essa arte coletiva proporcionou um trabalho colaborativo, aprendi a trabalhar com pessoas muito diferentes e respeitar seus pontos de vista. Aprendi a trabalhar em equipe, ter disciplina, pontualidade, responsabilidade e solidariedade, de fato fiz muitos amigos e entendi porque que o teatro é considerado uma grande família.

(Damiana Brasil Rolim - aluna do curso Técnico em Edificações integrado ao ensino médio - 2016).

Podemos perceber por meio da fala de Damiana, hoje aluna do curso de Licenciatura em História da UFCG, o relato de quem viveu um processo propício para a conquista da autonomia crítica, que desenvolveu elementos para a uma leitura de mundo e apropriação de linguagens, que lhe permitem o desenvolvimento e a melhoria das relações dialógicas com as demais pessoas. É isso o que proporciona a Educomunicação, aqui representada pela Área de Intervenção da Expressão Comunicativa por meio da Arte, sendo que a arte em questão é o teatro, o Teatro do Oprimido.

Compreendemos que Teatro do Oprimido é Educomunicação porque é ao mesmo tempo arte, educação, diálogo, comunicação. Isso vai ao encontro do que diz Eliany Salvatierra Machado, ao falar da Expressão Comunicativa por meio da Arte e de como ela contribui com o protagonismo juvenil:

A Expressão Comunicativa Através das Artes também compõe o campo da Educom. buscando o desenvolvimento da capacidade criadora e expressiva, e tem como objetivo ampliar a capacidade de expressão do jovem. Essa ampliação da capacidade expressiva dentro da perspectiva comunicacional, contudo, espera que o jovem consiga expressar seus desejos, angústias, visões de mundo e mais especificamente da comunidade em que pertence. (MACHADO, 2013, p.54 *apud* Silva, 2017, p. 67).

Também corrobora com esse entendimento, a definição de Soares para a Área da Expressão Comunicativa por meio da arte, quando afirma que ela "está atenta ao potencial criativo e emancipador das distintas formas de manifestação artística na comunidade educativa, como meio de comunicação acessível a todos" (SOARES, 2011, p.47).

Conclusões

Diante do exposto podemos perceber que o projeto Reflexão Crítica em Cena conseguiu promover o protagonismo juvenil ao formar de um grupo de multiplicadores com a proposta de trazer à tona e discutir problemáticas sociais que permeiam o dia-a-dia das pessoas, mas que muitas vezes não são problematizados pelos próprios atores das situações, os oprimidos. Os jovens inte-

grantes do projeto têm o papel primordial de promover o debate e a reflexão na sua comunidade.

A semente plantada a partir da criação do T.O *Campus* Cajazeiras tem gerado frutos (ecossistemas comunicativos) não apenas no IFPB, mas nos diversos espaços onde o grupo se apresenta e ministra oficinas. Tanto os atores quanto o público que participa das apresentações têm a oportunidade de ter voz, dialogar, refletir e tornarem-se mais críticos no tocante à realidade que os cerca.

Esperamos que este relato possa inspirar/encorajar outros educocomunicadores a adotar o Teatro do Oprimido em suas ações e que possam vislumbrar o seu potencial enquanto prática educocomunicativa transformadora capaz de contribuir para a formação de verdadeiros cidadãos capazes de promover a mudança social. Como disse Boal, quando recebeu da UNESCO o título de Embaixador Mundial do Teatro, “atores somos todos nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma”.

Referências

Augusto Boal e o Teatro do Oprimido. Direção: Zelito Viana, Produção: Vera de Paula. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IL3-Wc305Gg> Acesso em 20 mai. 2018.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CRUZ, Joana. *O que é Teatro do Oprimido? Óprima! Encontro de Teatro do Oprimido e Ativismo*. Disponível em: <<https://oprime.wordpress.com/o-que-e-o-oprime/about/>> Acesso em 6 mar. 2016.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis. (org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Bárbara. *Teatro Fórum*. Centro Teatro do Oprimido - Rio de Janeiro (CTO-RIO) Disponível em: <<http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/teatro-forum/>>. Acesso em 08 mar. 2016.

Silva, Maurício. *Expressão Comunicativa por meio da Arte e a Experiência Estética na Educomunicação*. 2017. 99 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educomunicação) Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/textos/tc3724-silva.pdf>> Acesso em 26 jun. 2018.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da Educomunicação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 23, jan/abr 2002, p. 16-25. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012>> Acesso em 10 mar. 2018.

_____. *Caminhos da Educomunicação*. São Paulo: Editora Salesiana, 2003.

_____. *Educomunicação: o conceito, o profissional e a prática*. Contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Educomunicação: As múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina. In. LIMA, J.C.G.R.; MELO, J. M. (Orgs.). *Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil: 2012/2013*. Brasília: Ipea, 2013, p. 170-202.

_____. Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação. *Comunicação e Educação*, São Paulo, v. 19, n. 2, jul/dez 2014, p. 135-142. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/81225/87487>> Acesso em 20 abr. 2018.